



Santa e pecadora

Frei Lourenço Maria Papin, OP

Um popular escritor italiano, Guareschi, da década de 50, escreveu um famoso livro - Mondo Piccolo “Dom Camillo” – em que ele imagina e romanceia, com muito humor e graça, a vida repleta de atritos entre um zeloso pároco, Dom Camillo e um ferrenho prefeito comunista, Peppone, numa pequena cidade do norte da Itália.

Além desse livro, Guareschi escreveu muitos contos relacionados com Dom Camillo. Resumo aqui um deles que está vivo em minha memória.

Na igreja de Dom Camillo havia uma imagem de Nossa Senhora bastante grande e pesada, aparentemente feita de argila, rústica e sem nenhuma beleza artística, mas vivamente respeitada e venerada por toda comunidade, menos pelo pároco Dom Camillo.

Pensava o zeloso pároco: como retirar essa imagem da igreja sem provocar a reação e a revolta da população?

Organizou, então, uma solene procissão, colocando a imagem num bonito andor, na carroceria de sua surrada caminhonete Fiat que ele mesmo ia dirigir. Uma multidão piedosamente acompanhava o cortejo religioso, cantando e rezando.

“Mal intencionado”, Dom Camillo procurou as ruas esburacadas da cidade. E conseguiu o seu intento: graças a uma brusca e proposital freiada do pároco motorista, a imagem ruidosamente quebrou-se em muitos pedaços.

Atônito, porém, ele ouviu a multidão que gritava: Milagre! Milagre! Desceu depressa de seu veículo e maravilhado viu uma linda e luzente imagem de prata de Nossa Senhora! A procissão terminou em triunfo.

E lá foi Dom Camilo pesquisar os velhos livros da Paróquia. Descobriu que alguns oleiros, para evitar que invasores napoleônicos roubassem a preciosa imagem, às pressas a revestiram de espessa argila, sem nenhuma pretensão artística. E assim a imagem permaneceu por longos anos até o dia do “milagre”!

Esse conto de Guareschi levou-me a refletir sobre a Igreja do Senhor que é divina e humana, santa e pecadora, dotada de beleza e lealdade.

A Igreja é divina porque instituída, na sua essencialidade, pelo Cristo que dela é a Cabeça e fundamento primordial.

O apóstolo Paulo expressa a dimensão divina da Igreja denominando-a de Corpo de Cristo e frisa sua dimensão humana afirmando que nós mortais somos membros desse Corpo, no exercício de uma variada gama de funções (cf. 1Cor 12, 12-30). Para evitar-se conotação antropomórfica, a Teologia vem nos esclarecer definindo a Igreja como Corpo Místico de Cristo.

Essa imagem de prata revestida de argila bem simboliza a Igreja enquanto constituída de membros que somos nós, criaturas humanas, frágeis, limitadas e pecadoras. Igreja santa e pecadora como reza a V Oração Eucarística composta, há muitos anos, pelo monge beneditino Dom Marcos Barbosa.



Ultimamente, os meios de comunicação social têm sido pródigos e altissonantes em divulgar e comentar as falhas de membros da Igreja Católica em questões de sexualidade, o que, aliás, colaborou para despertar a Igreja no enfrentamento dessa problemática, como reconheceu o Papa Francisco

Em 2011, o grande teólogo suíço, Hans Küng (falecido) publicou um livro na Alemanha (já traduzido em português pela Editora Vozes) com o chamativo título: “A Igreja tem salvação”? É um livro contundente que analisa crítica e objetivamente a história da Igreja com seus erros, contradições e ambiguidades. E sugere pistas para a sua renovação. Interessante ressaltar que Hans Küng, ao iniciar o livro, se dirige à Igreja dizendo: “a minha amada Igreja” e ao terminar o livro escreve: “Minha esperança é não deixar de acreditar que ela há de sobreviver”.

Na noite do próximo passado dia 18 ocorreu, depois de 300 anos, o eclipse quase total da lua (97%). “Mysterium lunae” (Mistério da lua) foi uma expressão muito usada por antigos escritores da Igreja (Santos Padres) para significar que a Igreja não tem luz própria, mas deve refletir a luz de Cristo, como a lua reflete a luz do sol. “*Brilha a Igreja não com a sua luz, mas com a luz de Cristo*” (São João Crisóstomo). Como a lua tem seus eclipses periódicos, assim acontece com a Igreja quando, com suas falhas e limitações, não corresponde ao projeto de seu fundador.

Daqui a 648 anos se dará novamente um eclipse como o do dia 18. Acreditamos que o mesmo não acontecerá com a Igreja.

Sem pretensão de inocentar membros da Igreja que erraram no presente ou no passado, é sem dúvida questão de justiça reconhecer o inigualável patrimônio espiritual, cultural e ético dessa mesma Igreja, no passado e no presente da história de nosso país e da humanidade.

Apesar da argila que tantas vezes a envolve, a Igreja, ao longo de 2.000 anos, testemunhou profusão de heroísmo e santidade, derramando muito sangue em defesa dos valores humanos e cristãos.

Márcio Moreira E. Alves, jornalista, idealista e corajoso deputado federal no tempo da ditadura militar, confidenciou um dia ao seu amigo Frei Betto, num humilde ato de fé: “Tocado pela Graça, meti-me em todo o mecanismo da Igreja no Brasil, vasculhando-lhe os porões, descobrindo primeiro suas fraquezas mas também sua glória e sua missão”.

Como Dom Camilo não percebia a beleza daquela imagem revestida de argila, assim pode acontecer conosco que, olhando para a Igreja pecadora, também não percebamos sua intrínseca beleza, sua “glória e missão”. Igreja peregrina que procura assumir como suas “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres, dos excluídos e de todos os que sofrem” (Vaticano II - Gaudium et spes, 1).